

GAZETA

EXTRAORDINARIA

DO

RIO DE JANEIRO.

SEXTA FEIRA 30 DE SETEMBRO.

*Doctrina . . . vim promouet insitam,
Rectique cultus pectora roborant.*

HORAT.

Continuação do Discurso antecedente.

NESTE tempo *Napoléão* rasgou a máscara, pertendendo contra todos os direitos, e sem esperar pretexto algum plausível, apossar-se absolutamente do Throno da Hespanha. Não conhecia o character dos nossos generozos vizinhos, nem se lembrava das famosas batalhas de Pavia, e de S. Quintino, e de tantas outras, em que os Hespanhoes destroçáram e vencêram os *Francezes*. Não sabemos de que pasmará mais a Historia; se dos grandes erros politicos de *Napoléão* se da atrocidade e infamia, com que fez prisioneiro o desgraçado Fernando VII., e a Família Real de Hespanha. Esta foi a epoca da decadencia de *Napoléão*: hum Throno sustentado por compras, traições, e violencias, muito mais que pela força effectiva das Armas, cêdo, ou tarde cahe por terra. Os Hespanhoes corrêram ás Armas; começáram a atacar, e vencer os *Francezes* por toda a parte onde os encontráram: Os animos Portuguezes principiáram a despertar; porém as noticias vinhão vagas; porque os *Corregedores-Mores*, Espiões subalternos do feroz *Lagarde* punhão os obstaculos, que podião á sua propagação.

Mas a verdade pouco tempo está occulta; o mesmo papel refalsado, e indigno, que se imprimia tres vezes por semana em Lisboa, mostrava claramente a vacillação, e o susto dos *Usurpadores*. Em fim os *Hespanhoes* começáram a evacuar *Portugal* á nossa vista, prendendo, ou matando os *Francezes*; e estes desarmáram também logo, usando sempre da traição (sua arma favorita) os *Hespanhoes*, que se acháram em Lisboa, e suas vizinhanças. Desde então os *Portuguezes* sensatos derão por perdida a causa *Franceza*: 150 ou 160 homens pela maior parte crianças de 16 annos, e dispersos em diferentes pontos de *Portugal* era toda a sua força. Força nulla, para conter huma Nação espirituosa, e forte, e que tem mais de tres milhões de habitantes, não contando os immensos recursos do *Brazil* e dos seus grandes Alliados.

Neste estado de cousas estava imos, quando nos dias 13. 14. e 15. de Junho rompeu a *Revolução* espantosamente em Bragança, Chaves, Villa-Real, e por todo o Traz os Montes. Os Soldados veteranos, e os Auxiliares corrêram de toda a parte a alistar-se: o deposito das Armas de Chaves se abriu, e todas as que havia se puzêram em Serviço. Os Cavalheiros derão as suas pessoas, os seus Creanças, os seus bens, e os seus Cavallos para o Serviço Militar; e no meio do estrondo das Armas os vivas, e applausos pela Restauração do Governo erão immensos.

O éco da trombeta Lusitana ressoou no Porto, onde logo se patenteou o mais extraordinario entusiasmo pela guerra. Entretanto o General *Loison*, ignorando tão grande mudança, marchava de Almeida para esta populosa e rica Cidade para nella fazer degollar huma grande parte dos seus habitantes, e arrazar as suas principaes ruas. Assassino! Sempre prompto para execuções desta natureza, elle não perde hum só instante, em que possa exercer a sua ferocidade.

Mas ah! que nas margens do Douro lhe estava preparado o justo e terrível castigo: os tiros das Canhas haviam de reatuar de huma maneira espantosa naquelles escarpados sitios, se alguns matadores o não avisassem daquelle imminente perigo. Fugio vergonhosamente este General, que se nos inculcava dotado do maior brio; e fugio perseguido somente por alguns Paisanos, deixando átraz de si bagagens, riquezas, e muitos dos seus Soldados mortos, e prisioneiros, e veio parar com o resto da Tropa no mais deploravel estado em Visen, onde foi acolhido, por não estar ainda prevenida aquella Cidade.

No dia 22 de Junho sahirão do Porto o Doutor Jozé Bernardo d'Azevedo, Jozé Pedro da Silva, Custodio Jozé da Maia, e alguns outros voluntarios com o desino de surprender a guarnição Franceza, que estava nesta Cidade, de fazer acclamar o **PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR**, e de descobrir *as suas Reaes Armas*. Chegando a Ois, e pedindo ao Coronel de Melicias, que lhes prestasse todo o auxilio possivel: este hei e digno Official, a pezar de ter o seu Regimento desarmado, procurou armas particulares, e dando-as a 30 dos seus Soldados, os mandou reunir aos voluntarios. Juntáram-se algumas Ordenanças da *Mealhada*, e marchando todos incorporados, chegarão ás 8 horas da tarde do dia 23 ao sitio da *Ponte nova* junto a esta Cidade. Alli encontráram 4 Soldados de cavallo, 2 Francezes e 2 Portuguezes, que vinhão do Campo, aos quaes perguntáram: *Quem vive?* e respondendo estes, *Napoleão*, disparando ao mesmo tempo dous tiros de pistola, sem effeito algum, aquelles nossos honrados e valorosos compatriotas lhes tornáram huma descarga, de que cahirão tres; dous mortos, e hum ferido mortalmente: Este ultimo era hum insolente *Gens d'armes* chamado *Valete*, que alguns dias depois morreo das feridas, que tinha recebido. O quarto, que restava, era Portuguez, o qual apeando-se gritou, viva o **PRINCIPE** de Portugal, e se reuniu logo ao corpo dos Portuguezes.

Entretanto tinha vindo á Cidade o Doutor Jozé Bernardo d'Azevedo, a examinar a força e a situação do inimigo, e depois de ter voltado a dar parte de tudo, atacáram a guarda avançada composta de 10 Soldados, dos quaes ficarão feridos quatro, e os demais forão presos. Inenarravel a alegria, e a coragem, que immediatamente appareceu em todos os nacionaes, aqui habitantes; huma grande parte delles se juntou logo aos primeiros, que tinham entrado, e forão atacar o Quartel Francez, que estava em Santo Thomaz, onde havia quarenta Soldados. Parece hum facto inverosimil, mas elle he tão verdadeiro, que pôde ser attestado por innumeras testemunhas, que o presenciarão. Os Francezes disparáram 18 ou 20 tiros sobre os portanões, que estavam a pé firme, e nem hum só ferirão: Tal era a convulsão e o susto dos famosos *Vencedores de Jena*, e *d'Ansterlitz*! Nesse meio tempo huma multidão de pessoas entrando no Quartel com a espada na mão, prendêram, sem a menor resistencia, a todos os Francezes, que alli se achavão. O seu Commandante, que era hum Tenente, foi preso na *Sophia*, e o Commissario de guerra, e todos os mais Francezes, forão presos, ou nas ruas, ou nas casas onde estavam aquartelados.

O nome do nosso amado **PRINCIPE** era entretanto acclamado com incessantes vivas por toda a Cidade, onde se não dormio em toda aquella noite, e onde, depois de se ter hido buscar o Juiz do Povo, se descubrirão as *Armas Reaes* da Caza da Camera, de Santa Cruz, e dos outros lugares públicos; e no seguinte dia de São João pela manhã apparecerão presos todos os Francezes em numero de 60, e em marcha para o Porto; S. A. R., acclamado, e a revolução no seu maior auge. Hum tão grande projecto não podia ser executado por tão poucos homens, se elle não existisse já nos corações dos Portuguezes; se estes não aboecessem mortalmente a França; e se não suspirassem pelo feliz momento da vindicta, e da restauração do seu legitimo Governo.

A fermentação popular continuou por todo o dia 24 de Junho, e pelo meio da tarde a maioria do Povo acompanhada do seu Juiz, que tinha convocado muitas das pessoas principaes e da maior consideração da Cidade, acclamou solemnemente para Governador della ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Manoel Paes de Aragão Trigo* Vice-Reitor da Universidade, acclamação geralmente applaudida, por ser a personagem Ecclesiastica de mais alta Gradação da Cidade, e entre todos respeitado, não só pelo seu character, mas pelas suas luzes e talentos, e pela sua incorruptivel inteireza e fidelidade: rogáram-lhe instantemente, que quizesse acceitar o Lugar, em que o constituíam; ao que elle por fim accedeu, sacrificando a sua tranquillidade e a segurança da sua vida em defeza do seu verdadeiro Soberano, e da Patria; e em caza do mesmo Senhor ficarão logo depositadas as Bandeiras Portuguezas.

O Povo se dirigio depois a casa do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor *Bernardim Freire d'Andrada*, a fim de que quizesse acceitar o Governo das Armas, porém elle o recusou, dizendo, que de boa vontade o acceitaria, se do Porto lhe não tivesse vindo Carta d'Officio, para ir occupar o Posto de Governador daquella Cidade, que lhe havia sido conferido por SUA ALTEZA REAL. Assim acabou esta tarde, começando já os Estudantes, e em geral todo o Corpo da Universidade, a tomar huma parte muito activa na revolução, em favor da restauração do seu legitimo PRINCIPE, e da liberdade da sua Nação.

Proclamação. Portuguezes: He tempo de expulsar do nosso Paiz huns *Perfidos*, que a titulo de *Amigos e Protectores*, vierão derribar o Throno do nosso Augusto Soberano, profanar os nossos Templos, roubar o seu Oiro e a sua Prata, impôr-nos huma *Contribuição* insupportavel, dissolver os nossos *Regimentos*, e tirar-nos todas as *Armas* depois de se terem apoderado dos nossos *Thesouros e Arsenais*, arrastando-nos assim á mais infame pobreza, e á mais abominavel escravidão. Não contentes com terem derramado nas Caldas o sangue dos nossos *Soldados*, e terem feito marchar para Paizes estrangeiros, e os mais remotos as poucas *Tropas*, que nos restavam, elles tinhão decretado huma *Conscrição* de cincoenta mil dos nossos Concidadãos, para irem mettidos em ferros defender ao maior dos *Tyrannos e Usurpadores*. Agora que huma feliz revolução nos vai a livrar do peizado jugo, que nos opprime, *Monstros!* transportados de huma ferocidade inaudita assassinão os *Sacerdotes*, as *Mulheres*, e os *Meninos*, queimão nossas *Villas*, e *Sedras*, e devastão nossos *Campos*. Mas será por pouco tempo: Huma vingança terrivel e sem exemplo os vai perseguir á mesma Capital, para onde fogem debandados, e nós lavaremos no seu sangue nossas mortaes injurias. Os bravos, e numerosos Batalhões das tres Provincias do Norte bramem por se verem já organisados, para irem acabar de huma vez estes *traidores*. Os Inglezes e Hespanhoes igualmente offendidos por elles, se reúnem ás nossas *Bandeiras*. Correi ás armas, Portuguezes, conservai a honra, a fidelidade, e o patriotismo, que os vossos maiores vos transmittirão como herança; mostrai que sois descendentes daquelles, cujo valor fez tremer em outro tempo o maior Imperio do Universo: A causa he nossa, he da Religião, he da Patria; a victoria he certa, e a gloria será immortal. Coimbra 8 de Julho de 1808. Governador de Coimbra. *Vise-Reitor.*

Oviedo 8 de Junho. = A Gazeta desta Cidade, referindo-se a Cartas de *Albacete* de 2 de corrente, refere a importante noticia de haver huma Esquadra *Ingleza* derrotado outra *Francesa*, que trazia 800 homens de desembarque para sujeitar os *Valencianos*: a perda dos Inglezes foi de mui pouca consideração.

Quasi todas as Provincias da *Hespanha* tem tomado o partido da grande causa de seu legitimo SOBERANO: não póde explicar-se o vigor, a unanimidade, e o espirito patriótico, com que são dirigidas as suas operações.

Sant-Iago 19 de Junho. = Até agora nos havemos negado ás repetidas instancias de inserir a ordem junta escrita com sangue, para poupar a nossos Leitores o estremecimento, e espanto, que havemos soffrido ao vê-la. Não ha entranhas que resistão a tanto tormento, sem que a viva indignação, que causão tão atrozes medidas, possa alliviar o coração da aguda pena, que he impossivel deixar de sentir por mais duro que seja; porém em fim trata-se de informar a todos, de qual he a *Regeneração*, que se nos promettia, e em que consiste a felicidade, que nos esperava: estas poderosas razões nos fizeram ceder a dar ao Público esta amargosa representação. *Cópia da Ordem original, que tinham os Capitães Generaes, remettida por S. M. o Imperador dos Francezes Rei d'Italia, com rigorosa prohibição de ser aberta até 6 de Junho, e que pelas bem sabidas occurrencias se o tirão com bastante anticipação ao dito prazo. Literalmente he a seguinte.*

Primeiramente devera embarcar-se toda a Tropa que se acha em..., e conduzi-la a este meu Reino, observando p...alissimamente o determinado antes; e depois de embarcadas se sujeitarão para maior segurança peios dous dedos grossos com os aneis prevenidos para este fim. A' volta dos Navios conductores se embarcará a Guarnição de..., observando o mesmo methodo, levando ao mesmo tempo todos os petrechos de Guerra.

Para regulação das Igrejas, e Conventos despacharei hum Commissario, ficando só em cada Convento o *Procurador*, e o *Prelado*, e em cada Igreja hum só *Reitor*, para que huns, e outros dêem conta de todas as alfaias, rendas, terras, casas, Capellas, que lhes correspondem; e todos os *Religiosos*, e *Glerigos*, sem excepção alguma serão trazidos a este meu Reino, devendo seguí-los logo os *Arcebispos*, *Bispos*, *Abbades*, e *Priores* das Collegiadas.

Immediatamente principiará a conducção dos Habitantes a este meu Reino, dando principio pelos de maior representação, e se entregarão as cazas, e fazendas aos meus Vassallos os Soldados Francezes; e se se notasse alguma resistencia ou alvoroço, serão castigados exemplarmente os tumultuarios, enforcando-os, ou arcabuzando-os; para exemplo dos outros. Justicias, conducções, e embargos tudo se apromptará Militarmente, porque a grande empresa urge.

Coimbra 13 de Julho. — Antes d'hontem tivemos noticias verdadeiras de ter chegado a *Abrantes* o General *Loison*, havendo perdido muita gente na sua precipitada fugida; e 700 ou 800 dos seus Soldados fórao remettidos por agoa para os Hospitales de Lisboa. Consequentemente estão as tres Provincias do Norte totalmente livres do inimigo. Todas as tramas do inimigo se dirigem a perturbar a nossa boa harmonia, para impedir a marcha das Tropas d'Frente e Tras-os-Montes; porque elle sabe, que nisso está a sua salvação. Se estes pois são os receios, vençamo-lo por elles mesmos: marchemos reunidos, e ataquemo-lo.

Os Officiaes Hespanhoes, que aqui se achão commandando a Cavallaria da sua Nação, dão por certo, e affirmão ser noticia d'Officio, que nas vizinhanças de *Scragoza* tiverão os *Aragonezes* huma memoravel acção contra o Exercito Francez; e que este ficara totalmente desbaratado, perdendo 1400 homens no campo da batalha, e 400 prisioneiros. Se a esta grande perda juntarmos a total derrota do General *Dupont*, que marchava com 12000 homens para *Andaluzia*, ficando elle prisioneiro; e a completa derrota de outro Corpo de 8000 Francezes postado em *Valladolid*, pôde ajuizar-se, que em pouco tempo serão aquelles *Usurpadores* inteiramente expulsos da Hespanha, e de Portugal.

Coimbra 14 de Julho.

O General *Beldes*, mandou a seguinte noticia ao Almirante Hespanhol no *Ferrol*: — O General *Dupont*, tendo retrocedido até ás margens do *Rio Genil* perto de *Cordova* depois da batalha com o General *Echevarria*, se reforçou com tropas, que lhe chegarão de varias partes até ao numero de 18000, e com mais 10000, que *Murat* lhe tinha já mandado, tentou passar a *Cadiz* para se apoderar da Praça e Cidade, retomar a sua Esquadra, e tomar a nossa. Porém o General *Castanbos*, que chegou do Campo de S. Roque com 14000 dos seus, e 5000 Inglezes, sabendo deste reforço antes de deixar effectuar a sua reunião, atacou o General Francez com parte do exercito de *Andalusia*. Supposto que os Inglezes desejavão entrar nesta acção, o General Hespanhol não consentio que tropas auxiliares amigas fossem empregadas no centro. Com effecto estavam quasi derrotados os 18000, quando a reserva Inglesa deo parte que pelo lado direito se aproximavão os referidos 10000 a postar-se em posição vantajosa, e então, tomando parte os Inglezes na acção por aquelle lado, o General *Castanbos* com os *Lionezes* atacou pelo centro e esquerda, e se travou hum batalha tão cruel que, segundo diz a relação, não ficarão mais Francezes que os que forão conduzidos aos hospitales de *Cordova*, e que sem exageração as agoas do *Genil* não tintas de sangue, e os barcos dos mesmos combatentes estavam cheios delle.

A mulher do Contador D. Christovão Guerreiro recebeu pelo correio de hontem hum carta de seu marido datada de *Benevento* a 10 do corrente, em que lhe diz que se acabava de receber pela Posta do exercito noticias do General *Echevarria* se achar senhor de *Madrid* onde passara á espada todos os Francezes, que alli estavam.

Rio de Janeiro 30 de Setembro.

S. A. R. O Principe Regente Nosso Senhor foi Servido aceitar a patriótica offerta, que lhe fizerão de hum mez dos seus Ordenados, e Soldos para ser applicado ao beneficio dos Portuguezes, que gloriosamente restaurarão Portugal, todos os Concelheiros, Ministros de Estado, Camaristas, Veadores, Creados e Officiaes da Casa Real, Guarda-Roupas, e que se unirão já alguns Fidalgos, e os Officiaes da Secretaria de Estado e Negocios Estrangeiros e da Guerra; e S. A. R. Ordenou que no Erario se recibessem igualmente o mesmo fim todos os Donativos, que se fizessem por semelhante causa, da Classe dos Ecclesiasticos, dos Militares, e de outros quaesquer empregados civis, havendo todo o cuidado, em que tudo seja logo remettido fiel e promptamente ao seu destino, para cujo effecto se tomamão os Nomes no Erario quando se receberem as sobreditas quantias, que depois se hão de publicar por meio da Impressão Regia onde se hão de remetter as competentes Listas.

Que podeis esperar contra hum Exercito numeroso, valente, e aguerrido, diante do qual tereis de ser dispersos, bem como as arêas do deserto ao sopro impetuoso do vento do Meio dia. Sem dâvida o Author da Proclamação minha acabado de ler algum Romance Oriental, ou a batalha de D. Quixote, quando, imaginando combater hum Exercito de Gigantes, se achou entre dous rebanhos de ovelhas. Mas, fallando mais seriamente, o dito Author parece estar alucinado: chamar numeroso hum Exercito de 14 ou 1500 homens, e adquirir-se de cousas pequenas: chamar valentes e aguerridos hums galuchos, que deixirão prender em Coimbra por hums poucos de Espanhoes, que entregarão a pequenos Destacamentos de Estudantes os Fortes da Figueira, e da Nazareth, e que fogem, e abandonarão os postos ao mais pequeno movimento contra elles, se assim continuarem a ser guerreiros, prenderemos a todos sem desembainhar a espada.

Não vedes vós, que aquelles, que a isso vos persuadem, não buscão o que pôde ser do vosso interesse, mas tão somente o que pôde satisfazer a sua raiva, e com tanto que o Continente fique perturbado, que se lhes dá do sangue que deve correr? Desenganai-vos por hum vez: Os Inglezes nada nos aconselharão; se cá vierão foi porque nos os chamâmos, principalmente para nos darem Armas; já que vós nos rombastes as nossas, porque sois hums Cobardes, que só quereis viver entre gente desarmada.

Se aportão ao vosso territorio esses Insulares perfidos, deixai-me a mim combatellos; este he o dever do meu Exercito: o vosso consiste em ficar soccegados nos vossos Campos. Esses Insulares desde que em 1386 entrãrão com o Duque de Lencastre no Porto, e firmãrão a Alliança com o Senhor D. João I. nunca no dilatadissimo curso de mais de 4 seculos praticãrão perfidia alguma para conosco. Os perfidos sois vós. O vosso dever he defender-vos; o nosso atacar-vos.

Tenho dô do vosso erro; se elle porém continuar, se ficardes surdos á minha voz, cremei, o castigo será terrivel. Como sois compassivos! Tende antes dô da dissacra, em que cahistes pela vossa ambição e exapidez. Quem ignora, que vós com cara de amigão e de amigos invadido e açoitado iniqua e avariçadamente Cidades e Provincias inteiras, mettendo roubos e assassínios os mais atrozes e escandalosos; e que o mesmo fazíeis em Portugal, se os vossos erros Politicos vos não conduziissem ás tristes circumstancias, em que vos achais? A isso, que chamaís erro, nós chamâmos acerto com mais razão, do que vós chamastes Conquista ao que era protecção. Se he erro o querermos libertar a nossa Patria de hum bando de Traidores e de Ladrões, que nella entrãrão como amigos, ficai certos que nós d'elle não desistimos; e que vós haveis de soffrer todas as suas consequencias, se em vez de desearadamente ameaçardes, não supplicardes antes humildemente.

Podeis vós ainda ter huma memoria saudosa de huma Dynastia, que vos abandonou, e cujo Governo vos humilhara a ponto de não figurardes já entre as Nações da Europa? Ainda vós tendes o descaramento de fallar na viagem de S. A. R.? Depois que Napoleão commetteo a infame acção de prender a Familia Real de Hespanha? Tomou o expediente, que tinha de salvar a si, e a sua Nação. Se o antigo Governo nos humilhou, o vosso he que nos restaurava? N. tes a. imos se: mezes temos perdido mais em bens e representação, do que nunca pr. mos em to. a idade.

Que podeis vós desejar? Ser Portuguezes? Sim, independentes? O Grande Napoleão vo-lo prommetteo. Ainda não cumprio cousa. y. mettesse.

Vós mesmos lhe haveis pedido com instancia hum que ajudado do mui poderoso Unão de aquella Monarchia podesse restabelecer a vossa desgraçada Patria, e tornar a pôla na ordem, que lhe pertencia. Assim tener. a. nci? Com que huma Deputação, residindo em Bayona, insinuando-se-lhe o ar. via de proferir, e escrever, he quem julgais o órgão competente da nossa li. vo. ide? Com que a Junta dos Tres Estados, que nunca representou a Nação unida humas poucas de pessoas tomadas arbitrariamente das tres Ordens, cerca s de bayon. as, e obrigadas a assignar o papel, que lhe apresentãrão, he o que vós r. pntais e voto da Nação? Forte imprudência

A este tempo por certo pensa o vosso novo Monarcha em approximar-se a vós, esperando achar vassallos fieis. Não pode vir nem por mar nem por terra: talvez venha pelo ar.

Acaso porém não deverá elle achar mais que rebeldes? Rebeldes não: achará inimigos.

Eu esperava entregar-lhe hum Reino pacifico, Cidades florescentes. Acaso terei de lhe não mostrar mais, que ruínas, montes de cinzas, e de cadaveres? Fi-

MUTILADO

18
Vós não sereis senão huma desgraçada Provincia da Hespanha. Torna outra vez o laço grosseiro a respeito da Hespanha.

Os vossos usos, as vossas leis, tudo se tem mantido. Por ventura não he a vossa Santa Religião a nossa? Tem ella soffrido o menor insulto? Não sois vós pelo contrario os que a violais? Vós vos deixais seduzir e levar por hereges, que só querem a vossa ruina, e a destruição da vossa Religião. Perguntai aos desgraçados *Catholicos da Irlanda*, que he a oppressão, em que gemem na sua patria, pelas ordens do seu proprio Governo. *Que santarrões! Que pregadores!* Digão-nos os nossos Templos, onde (coisa horrosa, mas verdadeira) até tendes aquartellado os vossos cavallos! Digão-nos as nossas Sagradas Imagens, que vós tendes queimado; digão-nos os nossos proprios olhos, que virão os Francezes com o chapeo na cabeça, e sentados a merendar á janella ao tempo, em que passava o Santissimo Sacramento, etc. etc.

Não sois vós, temamos a dizer, os que a violais, obedecendo a Ministros desta Santa Religião (cujo primeiro preceito he a obediencia, e a submissão ás leis) que se atrevem a excitar-vos a matança, ao assassinio, contra homens, que vivião entre vós, como em meio de seus irmãos? Os Ministros da nossa Santa Religião, e nós vos conhecemos perfeitamente bem, não nos illudis: devemos obediencia ás leis do legitimo Soberano, e não dos Usurpadores; vós viveis entre nós, como o Senhor entre os seus escravos.

Desgraçados delles! Como pagarão os males, que vos causão. Mas vós tambem, infelizes Portuguezes! sereis as victimas destes males. Causa riso ver o Chefe de hum Governo muribundo representar o papel de Jupiter Tonante.

Se ha ainda alguns abusos na administração, a experiencia de cada dia os vai diminuindo. O meu Decreto de 14 de Junho já regulou hum parte interessante das Finanças; assegurando aos Militares de hum modo fixo o seu soldo. Os ordenados dos Administradores, e dos Ministros são pagos com regularidade. Vós tendes tratado os Militares Portuguezes muito odiosamente: só a 14 de Junho, isto he, no tempo em que vós começaveis a ser ameaçados, he que vos lembrou determinar-lhe o soldo? O caso que vós fazeis dos Militares Portuguezes se conclue bem do art. 10 do vosso Decreto, que he da forma seguinte = Ficará a Artilharia debaixo das ordens immediatas do General de Artilharia Francez; a Cavallaria será igualmente commandada por hum General Francez; o Corpo de Engenheiros ficará do mesmo modo debaixo do commando de hum General de Engenharia Francez; e a Marinha ficará tambem ás ordens de hum Commandante Francez, etc. Bravo que honra para os Militares Portuguezes.

O Imperador Napoleão satisfeito com as contas, que lhe tenho dado do espirito público neste Reino, acaba de perdoar-vos ametade da contribuição. Que horror! Napoleão impoz á Austria, que tem 24 milhões de habitantes, 40 milhões de cruzados de Contribuição; impoz igualmente á Prussia, que tinha 9 para 10 milhões de habitantes, a mesma Contribuição; e isso depois de huma Campanha sanguinosa, porque na batalha de Jena perdeu 250 Soldados Francezes: E em Portugal, que tem só 15 milhões de habitantes, e onde não gastou nem hum vintem em pólvora, impoz a mesma Contribuição. Mas deixemos Napoleão, e tratemos de Janot. Não se dire: porque adivinhação angelica soubestes, que os diferentes artigos do vosso Decreto prebencião a conta de 40 milhões de cruzados? Se vós não fosseis tão sábios, não lançasdes quotas partes aos Negociantes, Nobreza, Clero, Capitalistas, e a mais, cuja somma fizesse os 40 milhões, e deixar aos diversos Corpos Portuguezes a parte dessas quotas partes. Mas vós quereis 100 milhões, em lugar de 40, e não reportarão em menos os tres terços da Contribuição. De mais, vós não sabeis já, que com grandissimo descaramento mandasteis pedir o segundo terço da Contribuição, a vendo, que depois mandariéis fazer as contas? Não sabeis, que quereis os 20 milhões metalicos; e como parte se tinha já pago em papel, que armaveis assim um alcapão para novos roubos? Em fim não dizia o Decreto desse supposto e falso perdão, que o Erario não havia de perder esses 20 milhões, e que se havião de haver de bens de outra natureza. Pobres Ecclesiasticos! já estava dada a vossa Sentença de morte. O chamado perdão era huma nova Contribuição posta sobre a antiga. Com effeito vós sois hum acabado modelo de avareza, ignorancia, e descaramento.

E ao tempo, que elle põe o remate a todos os votos, que haveis formado, he que vós vos deixais levar da influencia de alguns scelerados! ao tempo de colher o fruto da vossa avareza, ignorancia, e descaramento.

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO

Eia pois, Portuguezes, não tendes mais que hum instante para implorar a clemencia do Imperador, para desarmar a sua ira. *Sim; hum instante he que queremos para vos destruir.*

Os seus Exercitos de Hespanha se vem chegando já para as vossas fronteiras por varios pontos; perdidos ficareis, se hesitardes. *Os vossos Exercitos de Hespanha se tem chegado já, mas he para as bordas da sepultura.*

Deponde as armas; tornai pacificos para os vossos lares; imitai a tranquillidade da vossa Capital, e das Provincias, que a rodeão. *Boa tranquillidade! Hi aquella, que tem hum escravo na presença de hum Senhor feroz, e adouçado. Provincias! Dizei Provincia, que actualmente só dominais na Estremadura.*

Entregai-vos ao trabalho da vossa Agricultura; recolhei essas bellas searas, que o Ceo vos envia, depois de tantos receios de huma horrivel fome, de que eu soube preservar-vos. *Trabalhai vós, se quereis. Vós sois insensato: quem he que nos trouxe a fome, se não vós, fechando-nos os Portos, donde nos vinha parte das nossas subsistencias? Que fizestes contra a fome, que nos opprimia? Mandasteis buscar o grão pelas Provincias. Forte descobrimento! E a pesar disso as vossas providencias serão tão mal tomadas, que nestes ultimos tres mezes houve em Lisboa huma horrivel fome, enquanto o grão sobejava nas Provincias. Graças á Providencia, e não á vós, que nos deo o anno passado o anno mais fertil, de que tem memoria os Portuguezes.*

Expulsai de entre vós com horror esses miseraveis scelerados, cujo objecto he só a pilhagem das vossas Cidades. *Tendes razão; he preciso expulsar já, e já os scelerados dos Francezes, unicos malvados, que há muitos seculos tem saqueado as nossas Cidades.*

Tornai-vos dignos de serdes perdoados por huma prompta submissão, por huma prompta obediencia ás minhas Ordens: aliás eis-aqui a punição, que vos espera. *Toda a Cidade, ou Povoação, onde se tiver pegado em armas contra o meu Exercito, e cujos habitantes fizerem fogo sobre a Tropa Franceza, será entregue ao saque, destruida totalmente, e os seus moradores passados ao fio da espada. Todo o individuo colhido de mão armada será logo espingardeado. Reparai, que podeis dar a sentença contra vós mesmos; reparai, que o direito da justa represalia existe entre os povos; e hede considerando, se vós, e os vossos scelerados Agentes merecem quartel. (Minerva Lusitana.)*

Rio de Janeiro 1 de Outubro.

S. A. R. O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor por occasião das agradaveis, e faustas noticias, que acabão de chegar da Restauração da maior parte do Reino de Portugal, passou logo no dia de hontem á Capella Real a dar as devidas Graças ao Ente Supremo pelos favores, com que se tem dignado de abençoar os esforços da fidelidade, e Religião dos Portuguezes, assistindo com toda a Corte ao *Te Deum laudamus*, que ali se cantou. Ordenou o Mesmo Senhor por este plausivel motivo, que houvessem luminarias por tres dias successivos, dispondo-se no ultimo a receber as felicitações do Corpo Diplomático, e mais Cortejo de Costume, devendo no mesmo dia haver arrumamento do luzido corpo de Tropas desta Capital.

S. A. R. O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor Digno de aceitar a generosa, e Patriótica offerta, que á bem do restabelecimento da independência da Portuguezia faz o Chefe de Divisão, Jozé Maria D'antas Pereira, da metalla de rendimento da Thesouraria da Bula da Cidade do Porto, que lhe pertence, a parte dos seus Soldos, descontada na proxima cobrança delles, ou por qualq. vez, ou a medida que se forem vencendo.

Os Officiaes de Secretaria de Estado dos Negocios do Marinho e Dominios Ultramarinos fizeram igualmente donativo de hum mez de seu soldado a cada um dos seus Compatriotas opprimidos pelo Inimigo, e que vão concorrendo para a gloriosa Restauração de Portugal.

A N N U N C I O.

O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor por Decreto de 9 de Setembro do corrente anno foi Servido Fazer Mercê a D. Maria Luíza de Souza e Luiz de Souza Dias, viuva e filho do S. Mr. Jozé Pinto Dias, Commerciante desta Praça, de poderem continuar o giro do Commercio da sua Caza debaixo da firma de = Dias, Viuva e Filhos = fazendo com ella todas as suas transacções mercantis, e podendo com a mesma demandar e ser demandados em

MUTILADO